

# Espaços e tempos no sítio arqueológico de São Pedro (Cabeço de Vide, Fronteira): um balanço dos trabalhos de escavação realizados entre 2000 e 2004 (e uma perspetivação do que se poderá seguir)

André Carneiro\*

## 1. Elementos gerais sobre o sítio

O sítio arqueológico de São Pedro apresenta um importante conjunto de testemunhos que se estendem por uma parcela da extremidade Nordeste da freguesia de Cabeço de Vide, concelho de Fronteira até uma fracção da freguesia de Alter Pedroso, no concelho de Alter do Chão.

Como recentemente têm sido produzidas notícias sobre as principais evidências e informações neste local, neste artigo considera-se escusado repetir os contextos historiográficos, geográficos e os mais genéricos relativos ao sítio, podendo assim dedicar mais espaço ao balanço de quatro anos de trabalhos no local.

São Pedro tem sido objecto de um programa estruturado de intervenção arqueológica iniciado em 1999. O projecto de investigação tem sido alicerçado em prospecções intensivas prévias (que permitiram definir os núcleos estruturais e as manchas de materiais visíveis à superfície), em campanhas arqueológicas anuais com dois meses de escavação intensiva, e em prospecções realizadas nas áreas envolventes do sítio arqueológico.

As escavações arqueológicas iniciaram-se em 2000, decorrendo em área que o decorrer dos trabalhos confirmou ser periférica, e a partir de 2001 investindo também no esclarecimento da relação existente entre os momentos temporais que mais marcavam a caracterização já realizada nas prospecções prévias: a sobreposição que já então era patente de uma igreja medieval, em ruínas, sobre um denso conjunto de vestígios materiais de época romana que configuravam um sítio dessa época com considerável extensão.

As sucessivas campanhas de escavação desde 2000 realizadas permitiram já acumular um rico conjunto de dados que progressivamente têm vindo a ser divulgados, quer do ponto de vista da recolha de informação estrutural e espacial<sup>1</sup>, quer na recolha de alguns conjuntos de materiais arqueológicos mais significativos<sup>2</sup>. Permitiram também, logo no primeiro ano, perceber as dificuldades que desde então têm constantemente perturbado a leitura possível dos tempos e lugares deste sítio: a ocorrência de fortíssimos factores de acção pós-deposicionais naturais (erosão, desgaste, fraca sedimentação de um sítio implantado em cabeço) e humanos (plantação de olival, prática agrícola intensiva, acção de caçadores de tesouros) que em muito contribuíram para afectar os níveis e estruturas arqueológicas, dificultando sobremaneira o esclarecimento das diacronias de ocupação e dos contextos de uso deste sítio arqueológico. Esta situação combinada leva a que frequentemente a escavação decorra em níveis inferiores aos próprios pavimentos

---

\* Arqueólogo da Câmara Municipal de Fronteira

<sup>1</sup> Carneiro, 2002a; Carneiro, 2002b; Carneiro, 2004; Carneiro, 2005. Em 2002a e 2004 foram apresentados de forma mais detalhada os trabalhos de escavação que no sítio arqueológico de São Pedro eram passíveis de reflexão. Este artigo constitui, portanto, uma sua actualização.

<sup>2</sup> Carneiro e Sepúlveda, 2004; Carneiro e Sepúlveda, neste volume; Carneiro e Alves, neste volume.

(ou seja, escavam-se as fundações dos espaços e não os próprios espaços de ocupação), ou com alturas de solo mínimas, ou ainda com remeximentos de níveis que levam, por exemplo, a que sobre o pavimento cerâmico do século XVII da igreja se encontrem materiais de época romana.

Diga-se desde já que são estes factores, cruzados com outros derivados da própria ocupação antiga do lugar, e ainda outros que são produzidos pela própria dificuldade actual em “categorizar” certas classes de sítios, que leva que, do ponto de vista da interpretação, subsistam dúvidas sobre o tipo de sítio que efectivamente terá sido São Pedro. Na verdade, embora já tenha sido classificado como *villa* em anteriores publicações<sup>3</sup>, a escavação ainda não permitiu libertar dados sólidos que permitam inserir o sítio, de forma efectiva e inequívoca, nesta categoria<sup>4</sup>. Embora a área aberta já seja considerável, e o conjunto de testemunhos estruturais apresente alguma dimensão, ainda impendem sobre o sítio dúvidas suficientes para que a consideração do tipo de unidade de povoamento que aqui existiu em época romana seja efectivamente uma questão em aberto. Esta situação de que São Pedro é um exemplo, mas que eventualmente deveria ser avaliada para outros lugares já objectos de escavação (quantos não foram apressadamente classificados como *villa*, sem que de facto o antigo perfil de ocupação fosse outro), deveria colocar qualquer investigador de sobreaviso sobre, por um lado, o tempo que a escavação de um sítio romano demora para permitir a obtenção de resultados e, por outro, a por vezes apressada utilização da categoria *villa* para definir sítios que na realidade, em época romana, terão sido outra coisa qualquer. Ou seja, e este será um tema para um debate mais alargado, a compreensão de sítios tão vastos em extensão exige uma prudência que nem sempre é seguida pela urgência da investigação em atribuir nomes às coisas.

De qualquer forma, os trabalhos têm decorrido em dois sectores, em metodologia de *open area*, com o seguinte balanço após a campanha de 2004<sup>5</sup>:

Sítio romano de São Pedro (SPD)	
Campanha	Área aberta (m2)
1/00	84
2/01	128
3/02	136
4/03	148
5/04	104
<b>Total</b>	<b>600</b>

Igreja de São Pedro Sondagens Exteriores (ISP)	
Campanha	Área aberta (m2)
2/01	25
3/02	41
4/03	21
5/04	49
<b>Total</b>	<b>136</b>

O projecto de investigação permitiu já definir os seguintes momentos principais de ocupação deste sítio arqueológico:

**Horizonte I** – Trata-se de um conjunto de materiais encontrados em duas fossas idênticas de grande extensão (designadas UE34) que atravessam todo o Sector Sul de escavação. Inicialmente interpretados como da Idade do Bronze Final, uma análise mais atenta permitiu perceber

<sup>3</sup> Ver notas 1 e 2.

<sup>4</sup> Relembro que a atribuição do sítio como *villa* derivava da notícia de mosaicos referida em várias informações orais. Em toda a escavação, no entanto, até ao momento nem uma *tessela* foi recolhida. Certamente que existem outros indicadores, quer de monumentalidade (bases e tambor de coluna, por exemplo) quer de requinte no quotidiano (consumo de ostras, por exemplo), mas considera-se que as escavações arqueológicas ainda não permitiram concluir, de forma inequívoca, pela existência de um sítio desta categoria funcional em São Pedro.

<sup>5</sup> Não se inclui a contabilização da área escavada no interior da igreja medieval, e delimitada pelas suas próprias paredes, cuja escavação decorreu entre 2001 e 2003. Previamente à intervenção, o edifício encontrava-se completamente coberto por entulhos vários e sedimentos recentes e muito alterados por processos de escavações clandestinas.

que deverão datar do Neolítico Antigo ou Médio, também pela tipologia dos líticos associados às cerâmicas. Encontraram-se em duas fossas escavadas no afloramento que foram interpretadas como drenos de escoamento de água dos compartimentos do sector SPD, parecendo que a sua identificação no local deriva de algum entulhamento que a preparação prévia do local para a construção em época romana tenha originado. Embora em deposição secundária, o seu achado é mesmo assim relevante para a compreensão de uma rede de ocupação do território em época tão recuada.

**Horizonte II** – Materiais encontrados em escavação de forma desconexa, soltos, que têm sido recolhidos ou em contexto secundário, ou em prospecções, que apontam para uma ocupação do Neolítico Final ou Calcolítico. A implantação do local, um cabeço suave e alongado com excelente visibilidade para Sul e Nascente, torna propícia a implantação de um povoado desta época, eventualmente coetâneo de outros identificados no seguimento da linha de elevações para o interior do concelho de Alter.

**Horizonte III** – Situado ao longo do período que poderemos denominar genericamente de “época romana”:

- *Fase I* – Programa construtivo que, até ver, será o pertencente à primeira fase de ocupação do sítio. As estruturas englobadas são todas as pertencentes ao Sector Oeste (Compartimento 1), bem como a área do tanque UE39 e canalizações anexas. Meados do século I d.C. ao III, podendo os primeiros momentos de época romana ser datados, de acordo com a terra sigillata galo-romana, do segundo quartel do século I d.C. Sublinhe-se todavia que estes elementos datantes foram encontrados em contextos secundários (entulhos e remeximentos), devendo os elementos estruturais ser bem mais tardios.

- *Fase II* – Parte Este, em especial o Compartimento 2, e algumas remodelações verificadas a Oeste. Século III, com inexistência de critérios de datação mais apurados que permitam melhor perceber o momento.

- *Fase III* – Toda a área Este, incluindo os Compartimentos 4 e 5. Está muito bem representada em toda a área escavada em 2003 e 2004, com cronologia de construção definida para o início do século V<sup>6</sup> e uso seguro durante o século V e eventualmente inícios do VI.

A ocupação terá continuado pelos séculos seguintes, a julgar pelos tipos de cerâmica comum encontrados aqui e na envolvente da igreja. Resta saber se a ocupação se deu em continuidade ou com hiatos. Por exemplo, alguns exemplares de cerâmica comum encontrados na área exterior da igreja apresentam formas afins às dos fabricos islâmicos, mas esta nota deriva de uma leitura que terá de ser aprofundada e alicerçada em dados mais concretos. De qualquer forma, a compartimentação dos espaços encontrados na área exterior da igreja, feito com recurso a pedra seca miúda, muito imperfeitamente colocada, e com a reutilização de materiais cerâmicos na alvenaria de construção (nomeadamente uma asa de Almagro 51c), indica uma ocupação em época tardia.

**Horizonte IV** – Em momento indeterminado, mas com elevada probabilidade durante o século XIV/XV, assiste-se à construção de uma igreja sobre um sector do sítio romano. Este templo medieval aparentemente não respeita, do ponto de vista planimétrico, qualquer estrutura previamente existente, mas de forma evidente aproveita os materiais do sítio ali existente. Por exemplo, todos os elementos do arco gótico que marcaria a separação do altar para a nave (e que foram encontrados já tombados, à excepção dos suportes de base) foram aproveitados de silhares graníticos, e de um peso de lagar. A escavação ainda não permitiu que tipo de relação existe entre a igreja e o edifício anteriormente existente, mas um muro identificado numa pequena sondagem realizada no interior do edifício confirma que o templo está sobre estruturas anteriores (embora, como já foi afirmado, aparentemente não condicione a planta do edifício cristão). A igreja foi abandonada em momento incerto, mas sabemos que em 1758 já se encontrava em adiantado estado de ruína, a partir da referência nas “Memórias Paroquiais” de que a imagem de São Pedro já teria sido retirada porque o telhado havia desabado.

Este quadro de evolução temporal, sumariamente apresentado, foi delineado através da observação de um conjunto de elementos estruturais que apontam para um denso ritmo de cons-

<sup>6</sup> Moeda de Arcádio (383-408 d.C.) encontrada na argamassa de assentamento do pavimento UE78.

truções/remodelações dentro deste sítio arqueológico, observando-se diferentes formas de construir (aparelhos de construção), diversas orientações, ou ainda a proximidade espacial de diferentes formas de compartimentação/arranjo do espaço.

É certo que todo este processo é muito difícil de analisar, pois às condicionantes já apontadas deve somar-se o facto de por vezes a escavação decorrer a níveis estratigráfica e topograficamente inferiores aos pavimentos, logo, abaixo dos contextos de utilização dos espaços. Apenas uma análise cuidada das sucessões estruturais, cruzada com uma leitura dos contextos de recolha de alguns materiais datantes, pode fornecer dados minimamente fiáveis para análise.

## 2. Sector de São Pedro

No sector mais extensamente escavado, verifica-se a existência de uma área edificada que estabelece um total de três níveis topográficos de ocupação, com a perfeita adequação dos pavimentos e espaços ao desnível do terreno. A funcionalidade de todas estas áreas é ainda desconhecida, embora pela natureza dos pavimentos em *coccio pesto*<sup>7</sup> se admitam zonas de arrumação e serviços.

Estes são os espaços funcionais já identificados no decurso da escavação no sector SPD:

- A Oeste, o Compartimento 1 teria um piso do tipo *coccio pesto* (UE23). Sobre este foi encontrado um derrube meramente residual (UE7) mas muito rico em materiais arqueológicos, englobando, por exemplo, um anel de fita laminada, cerâmica comum, terra sigillata africana clara D, uma asa de lucerna e um elemento metálico interpretado como um fecho de portão. No entanto, sensivelmente a meio da área escavada, derrube e pavimento encontravam-se cortados por uma camada de terra muito compacta e clara (UE6), sem que este facto esteja ainda devidamente explicado. Este Compartimento fecharia a Oeste no muro UE46, junto do qual foram encontrados uma chave e um ferrolho que poderiam marcar a presença de uma porta aqui situada.

Mais a Oeste, e no extremo da escavação neste sentido, ainda não é perceptível a articulação entre os muros UE26 e UE66, paralelos mas que poderão ser de épocas diferentes, dados os distintos aparelhos de construção; a funcionalidade do espaço onde se encontra a UE27 e UE65; e a relação das quatro bases UE82, entre si e com as estruturas já identificadas. De qualquer forma, a superficialidade e irregularidade do afloramento UE8 aqui existente faz pensar que esta área foi coberta unicamente com um pavimento em gravilha (UE72), nalguns pontos reforçado com um lajeado (UE64), sendo por isso uma área exterior que poderia ser protegida por um pórtico onde assentariam pilares sobre as bases UE82. Estamos assim perante uma outra área exterior, dado que não se encontram derrubes de telhado ou coberturas que protegessem todo este espaço. Logo a Norte desta área existe um complexo conjunto de muros, cuja interpretação final estará dependente da conclusão da escavação nesta área: um pequeno espaço forrado a *opus signinum* (UE65) delimitado por três muros (UE26, UE30, UE32), tendo a Norte um lajeado de pedras (UE64) sob o qual parte uma conduta escavada na rocha, a UE46.

- No lado Este, o Compartimento 2 apresenta uma situação quase oposta: espesso derrube, de excelente conservação (UE4) e envolto numa camada de sedimento muito argiloso, invulgar no local, que fazem colocar a hipótese de o muro UE3 poder ter um soco em pedra e uma continuação em taipa. A localização em planta deste derrube – muito concentrado no centro do Compartimento e mais reduzido junto aos muros – faz pensar na existência de um telhado de duas águas que tivesse colapsado em um único momento. Neste Compartimento 2 escassearam os materiais arqueológicos, à excepção de pregos, que naturalmente serviriam para o suporte de tão espesso telhado. Aqui o pavimento deveria ser em terra batida. A UE3 possui a Norte dois outros muros: a UE10, que forma o T a Oeste, sem argamassa e que já emprega elementos pétreos de três proveniências distintas, e a UE13, de maior homogeneidade relativamente ao

<sup>7</sup> Pisos em cerâmica triturada e pisada, coberta com terra batida, formando um pavimento homogéneo, presente sobretudo em contextos funcionais e de serviços

anterior, com intervalos preenchidos por cerâmica de construção e uma asa de ânfora, recolhida no interior do aparelho de construção, embora sem argamassa.

Estes muros possuem a Norte o que é interpretado como uma área de alpendre, constituída por um pavimento idêntico ao anterior (UE21), também de limites indefinidos por ter sido em data indeterminada cortado, mas delimitado por dois silhares (UE25) que serviriam para sustentar bases de colunas (duas encontradas, uma *in situ*) e as respectivas colunas (uma encontrada derrubada na UE17).

A Oeste deste alpendre encontrou-se um compartimento rigorosamente delimitado, o 3. Encostado a três muros – no termo da parede Norte foi encontrada a segunda base de coluna, de maiores dimensões do que a recuperada em 2000, o que confirma a sua descoberta *in situ* como termo do já referido alpendre – tinha abertura a Este, precisamente na direcção dos silhares e do provável corredor, que assim o serviria. O compartimento apresentava um derrube (UE29) em excelente estado de preservação, embora pouco compacto, que assentava directamente sobre um pavimento de terra batida (UE35). Em ambos foram recuperados alguns materiais de relevo, em especial vários fragmentos de terra sigillata (um de fabrico galo-romano, um hispânico e alguns de sigillata clara) e um fragmento de *discus* de lucerna, além de um fragmento de recipiente em ferro (possível sítula) com vestígios de solda de estanho, e ainda um elemento metálico que poderá ser uma espátula ou colher, com o cabo terminando em extremidade rectangular.

A Norte de todas estas estruturas desenvolve-se um espaço aberto, de extensão ainda indefinida, que inclui numa posição descentrada (a Noroeste) um tanque, que adiante será descrito. Esta área termina a Norte num muro de pedra miúda (UE41); a Oeste num muro (UE30) de aparelho pétreo de grande volume (que um derrube de pedras de média dimensão, a UE11, já deixava antever na campanha de 2000, por ter sido encontrado numa posição estratigráfica mais elevada), mas ausente na maior parte do seu traçado e que mais a ocidente daria lugar a uma nova área aberta, com novo pavimento em *coccio pesto*, embora em precário estado de conservação (UE44); e finalmente a Este, desenvolve-se uma zona de funcionalidade ainda desconhecida, com um muro (UE36) de orientação completamente atípica face às já conhecidas no sítio.

Os trabalhos aqui desenvolvidos em 2003 permitiram pôr a descoberto o interior de um compartimento que, a julgar pelos dados já obtidos, será muito tardio (moeda de Arcádio na UE78), com uma orientação única em relação a todas as estruturas já identificadas (Noroeste/Sudoeste) e com uma qualidade de preservação que augura importantes resultados para o prosseguimento da escavação.

Resumidamente, podemos considerar que estamos perante o interior de um novo Compartimento (o 5) que seria delimitado pelo muro UE36 e que teria um pavimento (UE78), sobre o qual se encontraram importantes camadas de derrube aparentemente bem preservadas (UE68, UE70 e UE71). Note-se que aqui foram documentados dois momentos de derrube: a UE68, colapso do muro que se verificou em determinado momento em que o muro caiu por inteiro, espalhando-se as pedras por uma larga extensão e mantendo todas o mesmo nível altimétrico; e a UE71, lento esboroar do muro UE36, com as pedras caindo num espaço muito concentrado e amontoando-se, ficando esta UE com um perfil assimétrico. Foi ainda identificado um importante mas ainda indefinido elemento estrutural, um grande silhar de granito a Sul da UE36 (UE83). O achado de um tijolo de pavimento com superfície inferior revestida a argamassa pode indicar estarmos perante a existência de um pavimento lajeado.

Finalmente, a recolha de um tijolo de cunha e de um tijolo quadrangular de secção larga, elementos habituais na construção de abóbodas, encontrados na UE70, podem indicar-nos a reutilização destes materiais empregues na construção de muros.

Saindo para o Exterior do Compartimento 5 encontra-se uma área aberta, livre de construções, mas cuja compreensão ainda não é perfeita, visto que as UEs que aqui foram encontradas ainda não foram escavadas.

Esta Extensão permitiu também confirmar dois dados apontados pelas prospecções em georadar (ver anexo): a crescente subida, em termos de cota, do afloramento (cada vez mais próximo da superfície); e a inexistência de construções.

Desta forma, observou-se o prolongamento da UE92 para o lado Sul, entre o limite Oeste do Compartimento 5 e o corte Este; apenas se encontra, mesmo no canto Sudeste do actual limite de escavação, um derrube disperso de cerâmica de construção (UE109), que ainda não foi definido com precisão.

Como se espera em área aberta e desprotegida de construções, os materiais arqueológicos são escassos e aparecem muito rolados e erodidos.

Mais a Norte, sob a UE1 temos a continuação do muro UE36, ao qual em data posterior foi anexado um outro muro, a UE76, que corta em sentido Norte/Sul a Extensão, definindo dois ambientes: a Oeste, a UE75, um derrube de ímbrices em excepcional estado de conservação; a Este, a UE81, que para já parece ser um derrube de muro por apresentar pedras dispersas e escassa cerâmica de construção, à semelhança do que mais a Sul a UE68 já apresentava. Temos assim uma área coberta, eventualmente relacionável a Norte com a UE41 (circunstância que futuramente se tentará esclarecer) e que seria aberta a Oeste, embora coberto com um telheiro que ao cair formará a UE75. A Este poderá haver um prolongamento para Norte da UE68. O espaço é delimitado pelo muro UE76, que parece apresentar aqui uma entrada, visto que não encosta ao corte Norte. A zona interior, designada de Compartimento 7, só foi escavada superficialmente, permitindo definir esta UE e também a UE111, que parece ser um acrescento ao muro UE90, que fecha a Este o conjunto. Este Compartimento 7 é claramente posterior em relação ao 5, circunstância visível pelo facto dos muros UE76 e 90 adossarem simplesmente ao muro UE96, enquanto os sistemas de construção deste último com os muros para Sul são os mesmos.

Desta forma, temos um momento mais tardio em relação ao Comp. 5, circunstância também visível na cultura material. Ainda não foi realizado o tratamento completo dos materiais provenientes de outras Unidades para além da UE1, mas os dados para já existentes apontam para um horizonte do século IV/V.

Referência para o facto de nesta Extensão ter sido recolhido um fundo completo de terra sigillata hispânica com marca de oleiro infelizmente quase ilegível (SPD5/04 UE92[2]).

Dentro deste conjunto de espaços e estruturas existe um leque de elementos que poderão ser relacionadas com a circulação e armazenamento de água, que sem dúvida aqui teria um papel muito importante. A peça central seria constituída por um tanque (UE39), quadrado de 70 cm em cada lado e profundidade média de 40, com reboco interno de *opus signinum* (2 cm de espessura média) de elevada pureza e esmerada aplicação. A sua construção perfura o afloramento, sendo reforçada por uma “carapaça” de argamassa (54 cm na máxima largura), com aplicação de tijoleiras em fiadas sobrepostas recobertas por *opus signinum*. O tanque teria altura indeterminada, mas certamente seria elevada, não só pela espessura do anel de argamassa envolvente, destinado a suportar uma construção com alguma altura, mas também porque do lado exterior Norte sobreviveu precariamente em pontos localizados um outro pavimento de *coccio pesto* (UE37), indicando que também aqui a escavação decorre a níveis inferiores ao pavimento.

A alimentação do tanque por certo recorria às águas pluviais, eventualmente aproveitando as escorrências dos telhados (foram recuperadas duas telhas de abas para condução da água um pouco mais a Sudoeste, na mesma unidade, a UE22), mas beneficiando da entrada proveniente de uma canalização, a UE42, sendo visível a entrada de alimentação do tanque no canto Noroeste. A canalização apresenta dois métodos construtivos, separados pelo muro UE41, sob o qual segue o seu percurso, o que implicou o reforço da estrutura. Assim, a Sul deste seria composta de fragmentos de cerâmica de média dimensão pisados (um *coccio pesto* de inferior qualidade, digamos assim) recobertos por uma fina camada de terra, também batida, sobre a qual a água escorria. O conjunto era coberto por lajes de xisto e pelo pavimento atrás referido que residualmente se conserva. A Norte apresenta-se a UE50, que desaparece sob o corte Oeste, possivelmente em direcção a um tanque de *opus signinum* que um tractorista se recorda de ter destruído com a maquinaria agrícola. Neste traçado apresenta-se como um segmento de canalização constituída por cerâmica de construção justaposta em “V” que teria um cano de chumbo no seu interior, do qual foram recuperados quatro fragmentos. O conjunto estaria oculto por um pavimento (o já referido UE37) actualmente destruído.

O tanque apresenta um orifício idêntico, mas agora situado no canto Sudeste, e que se destinava a permitir a descarga das águas no seu interior. Orientava-se sem dúvida para um orifício circular aberto no pavimento UE21, que serviria de pia de descarga de águas (UE28). Aqui desembocaria uma conduta que terá a sua origem para lá do corte Este, e que é composta por uma depressão semicircular no pavimento UE21. Esta conduta é idêntica a uma outra identificada (UE46), embora esta seja talhada directamente no afloramento e apresente maior profundidade. A UE46 percorre no sentido Oeste – Este toda a área de escavação, tendo origem no corte Oeste, previsivelmente sob o pavimento UE44.

Finalmente, a Norte de todo este conjunto situa-se o Compartimento 4. Caracteriza-se pela precariedade do método de construção dos muros: trata-se de um conjunto que encerra um espaço rectangular, mas do qual só sobreviveu a primeira fiada, a tal ponto que está comprovado que a escavação decorre abaixo do nível do pavimento e na planta nem sequer é determinável onde ficaria a porta. Os muros apresentam-se directamente assentes sobre um tipo de afloramento em desagregação, um sedimento extremamente compacto e de difícil remoção (onde mais a Norte ficaram marcados em negativo os traços de passagem do arado, o que evidencia o elevado nível de revolvimentos causados pelos trabalhos agrícolas), com justaposição simples de pedras unidas por ligante de terra. No seu interior encontra-se a UE51, cuja escavação permitiu recuperar dois fragmentos de lucerna, um fragmento de ânfora e fragmentos de terra sigillata galo-romana e hispânica. Estes elementos permitem situar o horizonte de ocupação a partir de finais do século I d.C. e, não sendo particularmente representativos do ponto de vista funcional, levam a pensar que a função deste espaço seria meramente utilitário.

Neste ponto, como em quase toda a área, a convicção de estarmos a intervencionar o nível inferior ao dos pavimentos (bem visível aliás no desaparecimento do piso UE23, que está a uma cota superior àquela onde se desenvolve a área Sul de escavação) limita em forte medida a interpretação dos espaços, uma vez que estamos a escavar o nível de fundação das estruturas. Este facto é agravado pela escassa potência estratigráfica do sítio, até ao momento não superior a trinta centímetros, o que leva a uma organização das realidades estratigráficas em planta, ou seja, horizontalmente em paralelo, havendo pouca complexidade vertical, o que inviabiliza a leitura de evoluções diacrónicas.

O que nos diz este conjunto de espaços e de áreas funcionais?

Objectivamente, faltam-nos elementos mais concretos que definam funcionalidades e nos permitam perceber para que foi utilizado cada espaço. Mesmo do ponto de vista artefactual não existem grandes elementos, quer do ponto de vista das quantidades absolutas, quer na organização estratigráfica.

Desta forma, as propostas de interpretação que têm sido avançadas desde 2001 mantêm-se: estaremos perante um conjunto de armazéns que se destinariam a funções de apoio às actividades agrícolas. Uma zona de grandes compartimentos orientados em função de um pátio aberto, tendo a Sul um corredor alpendrado. Uma área onde é evidente o cuidado com o armazenamento e circulação de água, que certamente seria necessária para a limpeza das áreas funcionais e eventualmente para dar de beber a pessoas e/ou animais.

Temos assim um quadro de compartimentos destinados a usos vários, eventualmente com grande polivalência funcional. Uma zona que poderemos considerar como pertencendo à *pars rustica* de uma *villa*, se acaso foi este o tipo de sítio que existiu em São Pedro. Mas onde se detecta um intenso ritmo de mudanças e rearranjos do espaço, que à sua maneira contribuiu também para o quadro de dificuldade interpretativa que actualmente existe.

### 3. Igreja de São Pedro

A outra área de escavação centra-se no interior e em torno da igreja medieval de São Pedro, há muito abandonada e em ruínas.

A opção que levou à realização de uma campanha de limpezas no interior do edifício religioso (ISP) e à abertura de uma sondagem no seu exterior visava precisamente clarificar a relação entre as estruturas de diferentes épocas e avaliar a funcionalidade do sítio arqueológico de época romana. Todavia, mesmo após a campanha de 2004 a relação ainda não é muito clara,

visto que a sondagem no exterior, entretanto ampliada segundo a metodologia de *open area*, ainda não alcançou contextos significativamente relevantes.

Todavia, conseguiu definir importantes sucessões estratigráficas que lançam novas hipóteses de leitura.

Os trabalhos permitiram confirmar que a entrada para o interior do edifício era feito pela porta existente na parede Oeste, que no início dos trabalhos estava oculta por pedras e despejos vários. No exterior desta foi encontrado um pequeno pavimento em tijoleira, que antecedia a entrada no edifício, feita por dois degraus de blocos pétreos de grandes dimensões (sendo que um deles foi mais tarde removido e colocado no exterior do edifício). Aliás, identificou-se ainda um silhar com encaixe do fecho da porta ainda *in situ* e um segundo idêntico, também removido e colocado no exterior da igreja. No exterior, identificou-se o pavimento UE16, constituído por tijoleiras idênticas à UE5, ou seja, o pavimento do século XVI ou XVII que preenche o interior da igreja. A UE16 encontra-se em precário estado de conservação, fruto essencialmente da destruição pelo caçador de tesouros local que operou neste sítio nos anos oitenta. É claramente visível o processo de arrancamento das tijoleiras e o corte de outras de forma intencional. É perfeitamente evidente uma grande perfuração de forma circular neste pavimento.

No exterior, foram encontradas algumas estruturas de contextos claramente romanos ou tardo-romanos: a UE9, UE10 e UE11, cuja funcionalidade ainda não está completamente esclarecida uma vez que ainda não existe suficiente leitura em planta. No entanto, e de forma provisória, interpreta-se a zona como uma área dotada de um piso em terra batida (UE11) que seria sustentada por um alpendre de telhado (UE10). Possivelmente poderia haver uma fossa de despejos, a UE9.

No campo artefactual, foram recolhidos numerosos materiais arqueológicos de grande interesse para o estudo deste arqueo-sítio, nomeadamente um elemento de mó girante reutilizado como elemento de colmatação de irregularidades no afloramento, numerosa fauna mamalógica e malacológica (comprovando a aquisição de elementos alimentares de prestígio, como já o domínio anfórico comprovara) e ainda a primeira marca de oleiro completa encontrada em escavação neste sítio arqueológico: um fundo de terra sigillata hispânica com a marca *LAPILLI*. O corte Sul apresenta-se como o mais elevado de todo este arqueo-sítio com 150cm de altura máxima.

Foi pela primeira vez identificada no exterior da igreja uma estrutura – a UE13 – que, embora ainda não completamente definida (visto que os trabalhos nesta área não foram concluídos) se assume como claramente romana, na medida em que não apresenta qualquer semelhança construtiva com os muros da igreja medieval próxima, mas sim com aqueles que têm vindo a ser encontrados em SPD. Desta forma, podemos assim confirmar estruturalmente a existência de um horizonte de ocupação em época romana sob, ou pelo menos muito próximo, de uma estrutura edificada em época medieval.

Este muro corre paralelo ao corte Oeste (o que impossibilita a visualização da sua face Oeste) e apresenta a Este uma outra unidade, a UE14, onde foram recolhidos alguns materiais de interesse, embora curiosamente pertencentes a momentos de ocupação mais tardios, genericamente atribuíveis aos séculos V ou posterior.

Acompanhando o lanço Sul da parede Oeste da igreja (onde se encontra a sua entrada), a abertura de uma área de escavação revelou-se crucial para o confirmar de suposições já avançadas desde 2000. De facto, e apesar dos trabalhos estarem longe da sua conclusão, a zona de escavação permitiu identificar um denso ritmo de construções que indicam a perduração no tempo de comunidades habitando este espaço. A incorporação no aparelho de construção do muro UE24 de cerâmica comum tardia, e a recolha de cerâmica muito tardia na UE28, apontam nesse sentido.

Da mesma forma, observa-se o perfeito alinhamento estrutural entre estes muros e a parede da igreja medieval, o que indica que aquando da construção desta última as estruturas romanas ainda se encontravam bem visíveis, e, em última instância, a sua edificação é uma remodelação de parte do edifício romano. Finalmente, a colocação de dois grandes silhares no muro UE27 demonstra a monumentalidade do edifício romano existente neste sector.



#### 4. Balanço geral (e o que se poderá seguir)

A situação verificada em São Pedro é relativamente comum em toda esta área regional, ou seja, Alto Alentejo e Extremadura espanhola. São numerosos os casos de edifícios religiosos em meio rural que se sobrepõem a sítios romanos, geralmente os interpretados como pertencendo ao tipo *villa*<sup>8</sup>. Esta situação tem vindo crescentemente a atrair o olhar dos investigadores, podendo desde já perspectivar-se que esta será uma das áreas de mais forte crescimento futuro. Como é óbvio, no presente artigo não é possível tratar em detalhe este tema, ao qual espero regressar em ocasiões futuras, mas é necessário desde já advertir que se deve usar de alguma precaução nos *tempos* da análise. Isto porque a evolução decorre em diversas fases, e necessariamente com distintas motivações. Assim, e no que respeita à sequência histórica, podemos definir três situações:

- Edifício religioso construído ainda nos momentos finais do Império, reconvertendo para o culto uma parte do sítio romano, entretanto desfuncionalizada ou cuja função primária se perdeu;
- Edifício religioso construído durante o período tardo-romano (que poderemos designar de paleo-cristão ou visigótico), podendo verificar-se também a remodelação de um sector da *villa*, ou a construção de um edifício religioso autónomo nas proximidades do sítio;
- Edifício religioso construído após a Reconquista, ou nos momentos imediatamente posteriores (século XII, XIII, XIV), no momento de reorganização da geografia religiosa do território promovida pelas Ordens Militares (neste caso, a de Aviz), ou em momentos posteriores, no século XV/XVI, por acção mista da hierarquia religiosa ou de grandes proprietários. Nestes casos, verifica-se a construção de um edifício religioso sobreposto ao sítio romano, ou na sua imediata proximidade, cristianizando um local de culto pagão. Ou seja, verifica-se a apropriação simbólica de um sítio abandonado mas que no imaginário popular ainda deteria certamente uma forte relevância.

No caso da Igreja de São Pedro não existem dados documentais sobre o seu momento de edificação. Apenas existe uma referência ao facto de previamente ao terramoto de 1755 o edifício já ameaçar ruína, com o telhado já caído e o culto já transferido para Alter Pedroso. Todavia, a análise estilística do edifício aponta para um momento de construção em torno ao século XIV/XV, com uma forte remodelação no século XVII, momento em que, por exemplo, é colocado o pavimento em tijoleira do altar, do seu interior e do acesso exterior. Alguns pormenores no reboco interior da igreja indicam que o templo beneficiou de vários arranjos e de um considerável ritmo de pequenas obras, que no entanto não terão alterado de forma significativa em termos planimétricos.

Desta forma teríamos uma situação em que após o momento de abandono e ruína do sítio em época romana se seguiria um interregno da presença humana no local, hiato quebrado apenas pela construção do edifício de culto religioso já após a Reconquista.

No entanto, a identificação de um grande número de objectos arqueológicos soltos que foi sendo recolhido ao longo das várias campanhas de escavação no exterior da igreja vem colocar algumas dúvidas a esta proposta. Embora a quantidade de cerâmica fina de importação (terra sigillata clara norte-africana) fosse quase nula e não existissem elementos numismáticos posteriores ao século IV, ou quaisquer outros elementos tardios, no domínio da cerâmica comum mantinha-se a recolha de tipos cerâmicos que genericamente podemos situar entre os séculos V e VIII, alguns evidenciando fabricos extremamente grosseiros, quer quanto à técnica, quer quanto à tecnologia. Trata-se sobretudo de recipientes de média dimensão, de tipo potes e panelas, com perfis em S, bordos e lábios vestigiais ou levemente exvertidos e fundos planos. Apresentam pastas grosseiras, sem depuração, com numerosos elementos não plásticos, e modelados com recurso a torno lento ou mesmo manualmente. Em todos são frequentes as marcas de fogo.

<sup>8</sup> Carneiro, 2002b, para a área regional; para a Península, ver os estimulantes trabalhos de Chavarría Arnau, 2004a e 2004b.

Este quadro de persistência temporal que o mundo dos artefactos deixava antever precisava no entanto de encontrar uma comprovação clara nos contextos estruturais. Todavia, durante as primeiras três campanhas realizadas no exterior da igreja os elementos intervencionados resumiam-se à identificação de um espaço aberto, embora com extensas Unidades Estratigráficas com materiais de época romana sobre um possível pavimento em terra batida [UE11], embora em contexto estrutural ainda indeterminado (espaço aberto? interior de compartimento? e nesse caso, de que tipo?).

A campanha de 2004 permitiu identificar algumas novidades que alteram um pouco o cenário. De facto foi identificado, sob a esquina Sudoeste da igreja, um indicador estrutural relevante. Trata-se de um alinhamento de dois silhares [UE27], com granito de grão fino perfeitamente trabalhado. Pertencerão a um elemento estrutural de grandes dimensões e robustez, embora o termo da campanha não tenha permitido a escavação em profundidade das Unidades envolventes. De qualquer forma, trata-se claramente de um muro de época imperial que delimitará um compartimento de marcada relevância estrutural.

Outro dado interessante para análise reside no modo como este muro de silhares é, em momento posterior, ligeiramente ampliado e reforçado com um muro de alvenaria empregando pedras de pequenas dimensões, cuidadosamente colocadas, e com aparelho reforçado por argamassa de terra seca [UE24]. Esta construção, relativamente precária, regista também a inclusão de alguns fragmentos de cerâmica comum, precisamente dos tipos atrás mencionados, o que denuncia portanto um momento muito tardio para a sua construção. Todavia, em olhar mais amplo, este reforço do muro parece servir para compartimentar um espaço já existente, subdividindo-o em espaços menores.

Finalmente, todo este conjunto surge precisamente alinhado com a esquina Sudoeste da Igreja de São Pedro, que em parte cavalga a estrutura anterior, indicando-nos que no momento de construção do edifício religioso as construções existentes estavam plenamente visíveis, sendo que inclusivamente o templo reaproveita alguns materiais, além de respeitar por completo a orientação e o esquema construtivo.

Temos, então, três momentos distintos.

Uma construção de época imperial, com uma ampliação e ligeiro reforço (da estrutura, mas que resulta na compartimentação do espaço) durante a Antiguidade Tardia e, finalmente, a construção da igreja após a Reconquista.

Como já foi referido, a sobreposição de edifícios de culto cristão a sítios romanos em meio rural é uma situação relativamente frequente nesta área regional.

As escavações arqueológicas permitiram tipificar as situações mais frequentes quanto à remodelação/construção de estruturas pré-existentes em templo cristão<sup>9</sup>:

- A reconversão de um templo pagão em templo cristão. Trata-se da situação que melhor expressa a viragem religiosa, com a substituição do lugar de culto clássico pela nova religião emergente. Todavia, não é uma situação muito frequente, registando-se como um dos poucos exemplos a situação de Milreu.

- A remodelação da zona nobre da *pars urbana* (geralmente a sala de tripla ábside) em templo cristão. A reconversão do lugar de ostentação por excelência, da divisão onde os elementos de luxo e requinte estão mais concentrados e melhor expressam a mundividência cultural do proprietário, apresenta também uma fortíssima carga simbólica, pois a adesão à nova religião representa o despojamento do proprietário e o modo como ele abre a sala de poucos ao culto de muitos. É claramente uma forma de evergetismo, em que o proprietário mostra a comunidade uma intenção clara. Trata-se geralmente da situação mais frequente nesta zona regional, sendo os exemplos numerosos (La Olmeda em Palencia, Casa Herrera em Mérida, Los Quintanares em Soria, La Cocola em Badajoz, entre outros).

- A remodelação do edifício termal – geralmente da divisão do *caldarium* – em templo cristão. O hábito termal é aquele que na cultura clássica melhor corporiza o culto do corpo, da beleza, e da *consciência de si* ou da individualidade, pelo que aqui temos também uma clara vira-

<sup>9</sup> Sobre este tema, e para além dos trabalhos de Chavarría Arnau já citados, resulta de particular interesse a leitura de Ripoll e Arce, 2001.

gem cultural, no modo como a nova religião *purifica* e espiritualiza o local onde a nudez do corpo mais se exaltava. Aliás, geralmente uma *natatio* é reconvertida em baptistério. Estando geralmente o edifício termal afastado do núcleo central da *pars urbana*, desde logo por questões de segurança (a utilização de fogo no ambiente termal levava à sua implantação na periferia da estrutura do sítio), esta é a situação em que poderemos encontrar, em momentos futuros, a basílica afastada do núcleo central ou polarizando o crescimento de um núcleo proto-urbano em seu redor (na passagem da *villa* romana à *villa* medieval). Trata-se de uma situação muito pouco frequente na Península Ibérica (à excepção da Catalunha<sup>10</sup>), embora relativamente frequente em vários pontos do Império, sendo talvez a situação mais emblemática a ocorrida em Catania, Itália, onde das seis termas públicas, quatro foram reconvertidas em lugares de culto cristão (Reis, 1999: 145).

Em qualquer dos casos, trata-se sempre de uma transformação morfogénica de vital importância que, como muito bem salientam Quiroga e Rodriguez Martin (2000-2001: 149), permite a manutenção das *villae* durante a tardo-antiguidade, mas por outro, conduz ao final das mesmas enquanto unidade de povoamento, forma de exploração e elemento de vertebração sócio-económica do território<sup>11</sup>.

Em face dos escassos dados que temos neste momento, torna-se arriscado avançar com hipóteses relativamente ao que poderemos encontrar em São Pedro.

A utilização e, sobretudo, a qualidade de construção e colocação dos silhares identificados na Ext. 1/04, leva a supor que estaremos na presença de um edifício de grande volumetria e relevância, e que a continuidade de ocupação nesta zona levou à polarização do povoamento neste ponto do sítio arqueológico (visto que o momento de abandono nesta área é claramente posterior – se acaso não houve continuidade – do que encontramos no sector SPD, que possivelmente se terá verificado no século V/VI).

Não existindo respostas de momento, resta considerar as hipóteses. E aguardar por futuras ampliações das áreas de escavação, para que novas estruturas e materiais possam de novo ver a luz.

## Bibliografia

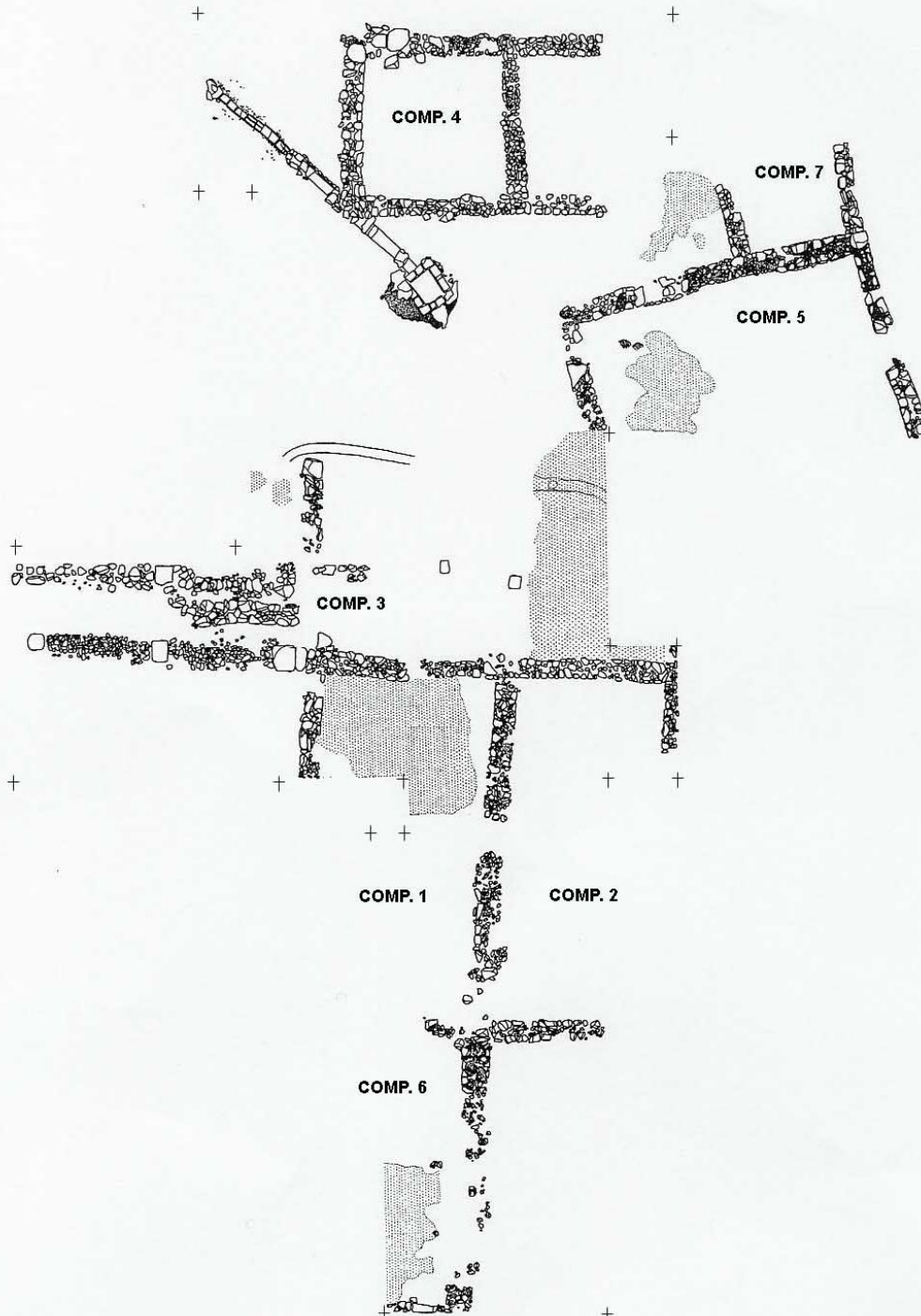
- Carneiro, André (2002a), *Povoamento romano no actual concelho de Fronteira*. Dissertação de mestrado em Cultura e Formação Autárquica apresentado à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 3 volumes, Lisboa [policopiado].
- Carneiro, André (2002b), “O fim do Império e a cristianização no território da *civitas ammaiensis*: mudança e continuidade no concelho de Fronteira”, *Ibn Maruan*, Marvão, pp. 135-157.
- Carneiro, André (2004), *Povoamento romano no concelho de Fronteira*. Câmara Municipal de Fronteira/Câmara Municipal de Cascais/Edições Colibri.
- Carneiro, André (2005) *Carta Arqueológica do concelho de Fronteira*. Lisboa, Edições Colibri.
- Carneiro, André, Eurico Sepúlveda (2004), “Terra sigillata hispânica tardia do concelho de Fronteira: exemplares recolhidos entre 1999 e 2003”. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 7, nº 2, IPA, Lisboa, pp. 435-458
- Chavarria Arnau, Alexandra (2001) Poblamiento rural en el *territorium* de Tarraco durante la antigüedad tardía. *Arqueología y territorio medieval* nº 8, Jaén, pp. 55-75.
- Chavarria Arnau, Alexandra (2004a) Considerazioni sulle fine delle ville in Occidente. *Archeologia Medievale* XXXI, Firenze, pp. 7-19.

<sup>10</sup> Chavarria Arnau, 2001, com referências bibliográficas anteriores.

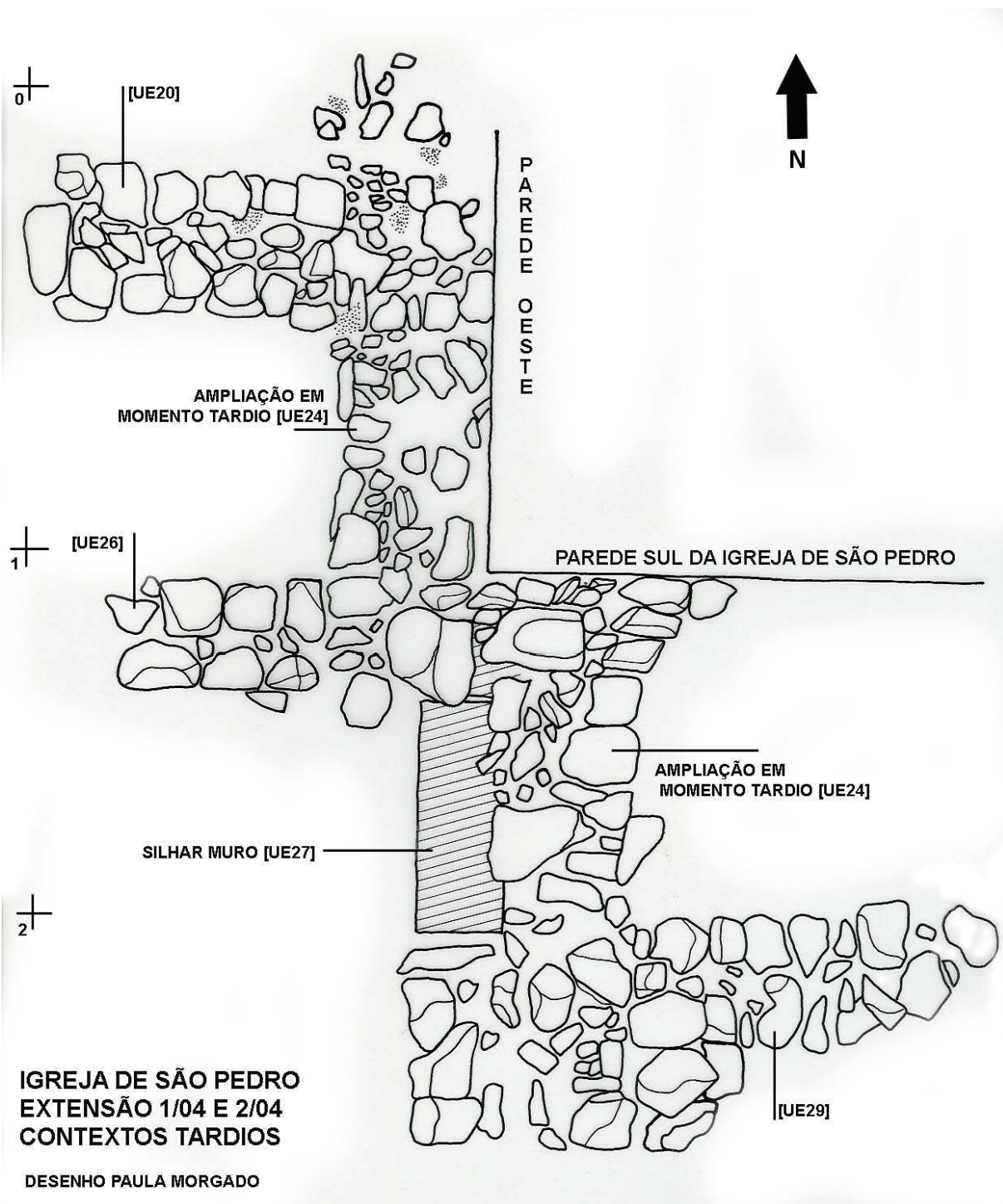
<sup>11</sup> Conduzindo muitas vezes a substanciais mudanças no mundo da cultura material que conduzem a uma maior “invisibilidade” no registo arqueológico (romano) não devendo esta ser confundindo com a “invisibilidade” nas pautas de povoamento. Sobre o assunto ver Lewit, 2004, em especial toda a introdução.

- Chavarria Arnau, Alexandra (2004b) Interpreting the transformation of late roman villas: the case of *Hispania*. N. Christie (ed.), *Landscapes of change: rural evolutions in late Antiquity and the early middle ages*. Aldershot, Ashgate, pp. 67-102.
- Lewit, Tamara (2004) *Villas, farms and the late rural economy (third to fifth centuries AD)* British Archaeological Reports International Series 568, Oxford, Adrian Books.
- Lopez Quiroga, J., Rodriguez Martin, F. G. (2000-2001), El "final" de las *villae* en la *Hispania*. I. La transformación de las *pars urbana* durante la Antigüedad Tardía. *Portugalia*, vol. XXI-XXII, pp. 137-190
- Reis, M. Pilar (1999) As termas públicas de Catania e a sua inserção urbana. Alguns paralelos na Lusitânia. *IV Congreso de Arqueología Peninsular*. Tomo IV, Zamora, Universidad Alacalá, pp. 135-145
- Ripoll, Gisella & Arce, Javier (2001) Transformación y final de las *villae* en occidente (siglos IV-VIII): problemas y perspectivas. *Arqueología y territorio medieval* nº 8, Jaén, pp. 21-54

SÍTIO ROMANO DE SÃO PEDRO  
CAMPANHA 5/04  
PLANTA GERAL SECTOR SPD



DESENHO PAULA MORGADO







Sector SPD: acção destrutiva das lavras sobre os níveis arqueológicos



Sector ISP: vista geral da igreja após desentulhamento



Sector ISP: sobreposições de muros medievais a muros romanos e tardo-romanos